

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

JOÃO PAULO ZYDEK E MARCEL EDUARDO FILL

**POEMA “HOWL” DE ALLEN GINSBERG – A TÔNICA DE UMA GERAÇÃO E O
PASSO PARA A CONTRACULTURA AMERICANA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO – PR
2016



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **João Paulo ZYDEK; Marcel Eduardo FILL.**

Título: **Poema *Howl*, de Allen Ginsberg – a tônica de uma geração e o passo para a contracultura americana**

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em
29/11/2016 pela comissão julgadora:



Prof. Me. Leandro Zago – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca




Prof.ª Ma. Márcia Oberderfer Consoli – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora




Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:



Prof.ª Dra. Claudia Marchese Winfield
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês



Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Portaria n.º 285 de 01/09/2015

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”.

JOÃO PAULO ZYDEK E MARCEL EDUARDO FILL

**POEMA “HOWL” DE ALLEN GINSBERG – A TÔNICA DE UMA GERAÇÃO E O
PASSO PARA A CONTRACULTURA AMERICANA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação,
apresentado ao Curso de Letras
Português/Inglês da Universidade Tecnológica
Federal do Paraná Câmpus Pato Branco como
requisito parcial para aprovação na disciplina
de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II.

Linha de Pesquisa: Literatura Americana,
Análise crítica.

Orientador(a): Prof. Me. Leandro Zago

PATO BRANCO – PR
2016

“Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os criadores de caso. Os pinos redondos nos buracos quadrados. Aqueles que veem as coisas de forma diferente. Eles não curtem regras. E não respeitam o status quo. Você pode citá-los, discordar deles, glorificá-los ou caluniá-los. Mas a única coisa que você não pode fazer é ignorá-los. Porque eles mudam as coisas. Empurram a raça humana para a frente. E, enquanto alguns os veem como loucos, nós os vemos como geniais. Porque as pessoas loucas o bastante para acreditar que podem mudar o mundo, são as que o mudam.” (A Apple Inc, 1997.)

RESUMO

ZYDEK, João P.; FILL, Marcel E. Poema “Howl” de Allen Ginsberg – A tônica de uma geração e o passo para a contracultura americana. 2016. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras – Português/Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2016.

Com a intenção de analisar e reconhecer como o poema “Uivo” do livro de poemas *Uivo, Kadish e outros poemas*, de Allen Ginsberg, provoca, induz, ajuda a criar e é, de certa forma, um “documento”, um hino do movimento literário de sua época, a pesquisa traçou um panorama geral deste movimento que é considerado uma das mais famosas revoluções literárias americana, a *Geração Beat*. Para tanto, através de pesquisas e revisões bibliográficas de vários materiais entre obras de estudiosos do trabalho de Ginsberg e da geração em questão como Cláudio Willer e Carlos Alberto Messeder Pereira, o trabalho procurou conceituar “Contracultura” Americana, movimento posterior à “Geração Beat”, buscando trazer relações entre os movimentos. A pesquisa tomou como foco o contexto dos Estados Unidos da década de 1950, quando se inicia o período de crescimento econômico que sucede a Segunda Guerra Mundial. Com a crescente e favorável condição do capitalismo, acabaram se originando também vários grupos e movimentos de contestação ao sistema estabelecido, dentre eles, a *Geração Beat*. Por fim, reconhece-se o “Uivo” como um poema forte que é relido e reinterpretado pelas novas gerações. A presente pesquisa também trata o “Uivo” como precursor e maior poema de geração *Beat* e um dos grandes referenciais da contracultura e da literatura contemporânea mundial.

Palavras chave: *Geração Beat*. Contracultura. Literatura Americana.

ABSTRACT

ZYDEK, João P.; FILL, Marcel E. Poem "Howl" by Allen Ginsberg - The tonic of a generation and the step for the American counterculture. 2016. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras – Português/Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2016.

In order to analyze and recognize how the poem "Howl" presente in the book *Howl, Kaddish and other poems*, by Allen Ginsberg, causes, induces, helps to create and it is, in a way, a "document", a hymn of literary movement of its time, the research offered an overview of this movement which is considered one of the most famous American literary revolutions, the Beat Generation. Therefore, through the bibliographic investigations and reviews of several works of scholars of Ginsberg's work and the Beat Generation as Claudio Willer and Carlos Alberto Messeder Pereira , this reseach will conceptualize American "Counterculture", movement that came after the "Beat Generation", seeking to bring relations between the movements. The research focuses on the US context of the 1950s, when starting the period of economic growth that follows the Second World War. With the increasing and favorable condition of capitalism, several groups and protest movements have also appeared. Among them, the Beat Generation. Finally, "Howl" is recognized as a strong poem that is reread and reinterpreted by the following generations. This research also considers "Howl" as precursor and the greatest poem of the Beat Generation, and one of the greater references of the counterculture and contemporary world literature.

Key words: *Beat* Generation. Counterculture. American Literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 OS ESTADOS UNIDOS DA DÉCADA DE 1950 E O PAPEL DA “CULTURA JOVEM” NOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	11
3 CONTRACULTURA E A GERAÇÃO <i>BEAT</i> : POR DENTRO DOS CONCEITOS.....	14
3.1 CONTRACULTURA: O CONCEITO DE MÚLTIPLOS MOVIMENTOS.....	14
3.2 GERAÇÃO <i>BEAT</i> : MOVIMENTO LITERÁRIO DE REVOLUÇÃO.....	16
4 ALLEN GINSBERG E O “UIVO”: O LOBO E O GRITO.....	20
4.1 GINSBERG: O REBELDE ROMÂNTICO E POETA-ANARQUISTA.....	20
4.2 “HOWL” – A AFIRMAÇÃO ENQUANTO ÍCONE MAIOR DE UMA GERAÇÃO.....	21
4.2.1 Primeira parte de “Uivo”: Os vagabundos loucos, fantasmas do jazz e o poema da vida livre.....	23
4.2.2 Segunda parte de “Uivo”: <i>MOLOCH!</i> Deus de óleo e pedra.....	27
4.2.3 Terceira parte de “Uivo”: Carl Solomon! Estou com você em <i>Rockland</i>	29
5 GERAÇÃO <i>BEAT</i> : REVOLUÇÃO DA LINGUAGEM À FORMAÇÃO DA REALIDADE CONTRACULTURAL.....	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve o intuito de analisar o poema “Howl” (Uivo, em português) do americano Allen Ginsberg, expondo as características que o levam a ser considerado pela crítica literária a maior representação dentro de uma geração, assim como o romance “On the Road” de Jack Kerouac. Além da análise crítica do poema, busca-se fazer um panorama geral do que foi a Geração *Beat* e sua influência na cultura americana.

Essa pesquisa teve como foco o contexto dos Estados Unidos da década de 1950, logo após a Segunda Guerra Mundial, e seguindo até os anos de 1960 e 70, onde irão surgir no campo literário, os movimentos de contracultura. Deste modo, a pesquisa faz uma relação entre História e Literatura em que “[...]a literatura é a expressão, pela palavra escrita, dos conteúdos da ficção, ou imaginação.” (MOISÉS, 1977, p.14). A literatura contempla regras, está aberta a todos os influxos de fora, traz aspectos da cultura em que foi produzida, da Língua em que foi escrita, da sociedade e dos valores existentes nessa sociedade que motivaram a escrita. Dessa forma, percebe-se que “[...]quando se trata do passado remoto, nenhum texto se deixa sondar em profundidade sem o auxílio da historiografia. É que, a rigor, toda análise textual é contextual.” (MOISÉS, 1977, p.17). Através desses dois pontos é que se delimita a pesquisa.

Partindo do contexto de produção da obra de Ginsberg, ou seja, do momento histórico vivenciado nos Estados Unidos e através de pesquisas bibliográficas almeja-se saber o que foi esse movimento jovem conhecido por Geração *Beat*. Depara-se então com uma questão histórica e literária, e a relação entre ambas. Textos literários, como sabemos, são grandes fontes contextuais e intelectuais. Deste modo, a intenção dessa pesquisa foi traçar pontos que contemplem por quê o poema em questão pode ser entendido como tônica (maior representação) de uma geração e ser considerado marco desse movimento pelo público. Portanto, além da vivência da pesquisa e todo o seu desenrolar, o presente trabalho proporciona ao meio acadêmico respostas para as dúvidas e/ou sobre equívocos cometidos a respeito desse tema.

Não obstante a finalidade principal de este trabalho ser a compreensão da relação que se faz do poema Uivo de Allen Ginsberg como um hino para a chamada Geração *Beat* e sua importância enquanto movimento literário, também buscou-se evidenciar que o movimento *Beat* contribuiu para a Contracultura Norte-Americana nas décadas de 1960 e 1970. Com a evolução do trabalho e a digestão do conteúdo, fez-se um *overview* da Geração *Beat* na época

de produção da obra, identificando, descrevendo elementos e apontando características do “Uivo” que giram em torno do movimento literário Beat.

Por outro lado, um combustível a mais para esta pesquisa é o fato de não existir no Brasil, pesquisas, análises e/ou conclusões que tratem especificamente da compreensão do poema Uivo, de Allen Ginsberg, como um hino para a chamada Geração *Beat*. Porém, pesquisadores como Claudio Willer e Paulo Leminski sugerem e indicam caminhos que podem levar à referida compreensão. Primeiramente, é imprescindível nos apropriarmos da função social atribuída à poesia por T.S. Elliot:

Até agora apenas sugeri o ponto extremo até o qual, creio eu, pode-se dizer que se estende a influência da poesia; e isso pode ser melhor expresso pela afirmação de que, no decurso do tempo, ela produz uma diferença na fala, na sensibilidade, nas vidas de todos os integrantes de uma sociedade, de todos os membros de uma comunidade, de todo o povo, independentemente de que leiam e apreciem poesia ou não, ou até mesmo, na verdade, de que saibam ou não os nomes de seus maiores poetas. A influência da poesia, na mais distante periferia, é naturalmente, muito difusa, muito indireta e muito difícil de ser comprovada. (ELLIOT, 1991, p. 5).

Presume-se, então, que não é possível compreender e interpretar o texto sem observar o contexto da sua produção e impacto que o mesmo texto ‘devolve’ à sociedade que o produziu. Já em relação à Geração *Beat*, há muitas pesquisas, análises e conclusões que mostram as origens do movimento, que surgiu entre os jovens americanos ao demonstrarem o seu “descontentamento ao se identificarem novamente com ‘a estrada’ e a ‘vida desregrada’ da aventura, rejeitando [...] a transformação do ‘sonho americano’ no *American Way of Life*”, (ADELMAN, 2009, p. 29).

Assim, foi possível notar que existem várias conclusões, estudos e teses de vários autores como Claudio Willer, Carlos Alberto Messeder Pereira, André Bueno e Fred Góes que ajudam e/ou mostram caminhos para compor a ideia de que o “Uivo” é uma espécie de hino da Geração *Beat*. Entretanto, como cada autor citado embasou seu estudo e ideais em determinado viés do assunto e voltou sua conclusão para determinado campo, não tratou-se de repetição ou sobre-esforço aprofundar o estudo, a análise da obra e do contexto e o levantamento de argumentos para chegar a uma conclusão que evidencie a importância da referida obra e do seu autor perante a Geração *Beat*. Afinal de contas, nesse poema, Allen Ginsberg retrata a sociedade de forma pessimista, detalhada e sua própria contrariedade em relação ao modo de vida alienado, moral e eticamente aceito e assumido pelos Estados Unidos naquela época.

Refletindo sobre as questões teórico-metodológicas, este estudo trabalhou a partir do método histórico. Este método

“consiste em investigar acontecimentos, processos, instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época.” (MARCONI, LAKATOS, 2010, p.89)

A técnica de pesquisa assumiu o caráter bibliográfico, haja vista que se fundamentou através de material já elaborado e publicado. Empreendeu-se um levantamento referencial a respeito do tema estudado, incluindo periódicos, monografias, dissertações, teses, livros, documentos eletrônicos, entre outros. Desta maneira o trabalho foi desenvolvido com uma perspectiva histórica, pois juntou-se todo o material existente, confrontando-o com os estudos e assim realizou-se uma nova leitura, atribuindo outra visão ao objeto de estudo proposto. Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2010) comentam que a finalidade da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato com tudo o que já foi produzido sobre o assunto, seja escrito, dito, filmado, inclusive conferências seguidas de debates que foram transcritos.

Assim, o presente estudo se moldou em quatro capítulos, não contando introdução e considerações finais. O primeiro capítulo trouxe um breve panorama histórico do contexto Americano da década de 1950, bem como sua interação com o papel da cultura jovem nos movimentos sociais. Este levantamento bibliográfico trouxe enriquecimento e contribuições imprescindíveis para que se compreenda a importância do estudo que se segue.

O segundo capítulo apresentou os conceitos de Contracultura e da Geração Beat. Por meio de pesquisas envolvendo historiadores e estudiosos literários, os conceitos foram expostos de forma a melhorar a compreensão do estudo e da análise. Os conceitos apresentados são os que norteiam o objeto de pesquisa.

Em sequência, o estudo expôs a biografia do autor do poema “Howl”, Allen Ginsberg baseando-se em sítios da Internet que abordam a vida do mesmo, juntamente com a interpretação e análise literária do poema. Neste capítulo foram apresentados elementos e características do poema que giram em torno do movimento *Beat*. Ainda buscou-se compreender por quê o poema “Howl” pode ser considerado a maior representação dentro desta geração e trazer o foco para o conteúdo, para as questões de contestação e manifestações que são feitas no decorrer de todo o poema contra um exacerbado poder capitalista do “*American way of life*”.

Por fim, o último capítulo buscou sustentar que a Geração *Beat* foi a precursora do movimento Contracultural dos anos 60 e 70 nos Estados Unidos. As relações entre os dois movimentos foram apresentadas assim como seus pontos em comum. Comportamentos libertários, espirituais e místicos, bem como variados temas, foram citados a fim de demonstrar que a Geração *Beat* foi a porta de entrada para outros movimentos contraculturais em todo o mundo.

2. OS ESTADOS UNIDOS DA DÉCADA DE 1950 E O PAPEL DA “CULTURA JOVEM” NOS MOVIMENTOS SOCIAIS

O contexto Americano da década de 1950 veio com o impacto da modernização e da tecnologia, que atingiu em cheio o povo americano. A Grande Depressão que assolava o país já não existia mais, e os anos 50 foram um tempo para voltar a colher os frutos do crescimento. Conforme afirma Leandro Karnal em *“História dos EUA – das origens ao século XXI,”* (2007) a economia estava em constante evolução. O autor ainda afirma que o PIB do país saltou em 250%, e a renda familiar estava em constante crescimento, somando a baixa taxa de desemprego e inflação, o americano poderia enfim usufruir de uma vida boa, com seus sinais simbólicos de sucesso – bens materiais e status. O famoso *“American way of life”* começou a definir suas formas que viriam a influenciar o restante do mundo.

Neste período de 1950, os Estados Unidos viveram uma fase de grande prosperidade econômica, conhecida pelo expressivo aumento da produção de bens de consumo duráveis, como o carro, televisores, bem como de investimentos em infraestrutura (entradas, ferrovias, etc.). Também é importante considerar que no referido período surge o ideal, as aspirações e os interesses da mais nova classe média dos Estados Unidos, ou seja, o modelo ideal de metas e de *status* da classe que viria a ser referência do que seria um ‘americano’ para os próprios americanos e para o restante do planeta. Tais metas tornam-se comuns ao povo americano, uma vez que em meio a esse contraste de ‘ressaca pós-guerra’ e grande crescimento econômico a classe emergente queria deixar “a ansiedade nuclear para longe comprando novos e brilhantes bens de consumo” (GOFFMAN; JOY, 2004, p. 225), ou seja, havia então a possibilidade de pensar no futuro. Em suma, o modelo ideal de status e suas buscas eram uma espécie de recompensa para quem trabalhou ou tentou trabalhar enquanto amargava os problemas da Grande Depressão.

O crescimento do país foi inegável, porém nem todos puderam usufruir dessa prosperidade. Karnal aponta que:

[...]debaixo da superfície, porém, a sociedade afluenta dos anos 1950 testemunhou contradições e desafios marcantes. [...] Devido a discriminação e falta de dinheiro, muitos raramente desfrutavam a “maravilhosa vida suburbana”, concentrando-se nos centros das cidades, onde empregos, comércios e serviços públicos tornavam-se cada vez menos acessíveis. (KARNAL, et al, 2007 p.194)

A indústria cultural reforçava a luta em favor capitalismo, do consumo e da conformidade social. Karnal (2007) discorre que como 90% da população possuía televisão, o rádio e o cinema acabaram sendo substituídos como a principal diversão das famílias. Dessa

forma, a indústria televisiva e cultural, desempenhava papel crucial em apoio aos valores capitalistas americanos. “Também apareciam os jornais e as revistas de grande circulação, bem como as produções intelectuais convencionais da época, elogiando o bem-estar do país, o suposto “fim da ideologia” e o triunfo dos valores do mercado capitalista”, ressalta Leandro Karnal. (2007)

Contudo, a televisão e os meios de propagação desse modo americano de viver, podiam expressar de maneira não intencional as contradições da sociedade americana. “Ao mesmo tempo em que eram tratados como subordinados, muitas mulheres, trabalhadores e jovens, eram encorajados a abraçar ideias de igualdade e liberdade.” (KARNAL, et al, 2007, p.196) Além de mostrar a possibilidade de conquistas graças às oportunidades oferecidas pelo capitalismo, a mídia também poderia acentuar tanto a alienação quanto o desejo por mudança.

Observou-se então, que, apesar da aparente calma e do cenário de prosperidade, foi nos anos 1950 que ocorreram movimentos sociais importantes. Em meio ao paradoxo do pós-guerra *versus* prosperidade, é que surgiram inquietudes, como a luta pelos direitos civil, a luta contra o racismo, que tiveram a atuação de vários ícones em várias frentes. Esses movimentos, inclusive, uniam diferentes segmentos da sociedade norte-americana.

Essa tentativa de se criar uma imagem de modelo de vida ideal, enquanto a realidade de muitos americanos era completamente diferente, fez com que houvesse uma reação geral em campos culturais, como na música, por exemplo. A música popular foi mais uma área cultural de manifestação de descontentamento. Não é surpresa que afro-americanos, os mais marginalizados da sociedade americana, tenham fornecido o principal componente, o blues, da nova linguagem musical, o rock and roll. Novos canais de rádio espalharam-se pelo país, descobrindo novas e lucrativas audiências entre jovens brancos e afro-americanos para essa música rebelde, que remetia a desejos sexuais e provocações às normas da classe média branca (KARNAL, et al, 2007, p. 234).

Dessa forma, muitos artistas, escritores e envolvidos no processo artístico daquele tempo apontaram que, os anos 50, em termos literários, foram um período de desconforto sutil e difuso provocado pelo choque de vieses diferentes. Temas como a solidão gerada pelo sucesso, homem de negócio sem identidade e a alienação generalizada se tornaram tópicos frequentes utilizados por muitos escritores deste período. Maria Cristina Bessa, em “*Panorama da literatura Norte Americana: dos primórdios ao período contemporâneo*”, cita que:

[...]a maioria dos trabalhos se baseava no pensamento dos anos 50 de que todos os americanos partilhavam o mesmo estilo de vida. Os estudos falavam em termos gerais, criticando os cidadãos por perderem a fronteira de seu individualismo e se tornarem muito conformistas, ou aconselhando as pessoas a se tornarem membros da

“Nova Classe” que a tecnologia e o tempo para o lazer criaram. (BESSA, 2010, p.111)

Eis que começa a surgir um conflito de gerações e a força da juventude ganha espaço. Os jovens estavam menos dispostos a aceitar os padrões produtivos industriais e tecnológicos, uma vez que seus hábitos de liberdade e consumo criticam essa produtividade consumista que estava em alta. Surge então uma “cultura jovem”, aderida essencialmente por jovens. Adelman (2009) relata que os jovens buscavam distância do “[...]autoritarismo imposto ou aceito por gerações anteriores”. Como lembram Antonio Carlos Brandão e Milton Fernandes Duarte (2004, p.7), “[...]os inúmeros movimentos de transformação social, sejam eles radicais ou utópicos, que as últimas décadas viram surgir tiveram como principais articuladores os jovens.” Os valores próprios dos jovens e sua visão de mundo diferente da dos adultos acabou se expandindo pelos Estados Unidos e pelo mundo, devido à alta do capitalismo e através dos meios de comunicação.

O jovem vem como ferramenta para questionar e realizar mudanças sociais na ordem vigente. As mudanças que os jovens procuravam iriam, de certa forma, torná-los visíveis num mundo adulto, ganhando afirmação na busca por um modelo novo de sociedade. Os jovens, além de ideias, procuraram realizar a produção e ação cultural, a fim de combater a desilusão gerada pelo momento pós-guerra e conformista dos americanos nesta determinada época. Segundo Roszak (1972) os jovens conseguiram tornar as teorias criadas pelos adultos, em práticas reais. Pegaram idéias de rebeldes antigos e as puseram em prática, criando um estilo de vida. “Transformaram hipóteses de adultos descontentes em experiências...” (ROSZAK, 1972, p.37)

Logo, pôde-se notar que o jovem é instrumento essencial para questionar os valores impostos pelas gerações dominantes, derrubar barreiras psicológicas e quebrar os dogmas, buscando muitas mudanças no ‘*American way of life*’. Sendo assim, percebe-se a importância de trazer esse tópico para continuar o trabalho, visto que os movimentos sociais, em particular o que estamos estudando, foram todos encabeçados pela juventude de suas épocas.

O que conduziu a pesquisa ao próximo tópico, onde o conceito de contracultura, seu surgimento e particularidades foram abordados.

3. CONTRACULTURA E A GERAÇÃO *BEAT*: POR DENTRO DOS CONCEITOS

Um novo estilo de mobilização e contestação social corria nos anos de 1950 e 1960 fortalecido por uma frente jovem que contestavam o que era incontestável, batiam de frente no inconformismo, na direção e nos valores da prosperidade, reprimiam a perseguição e o tratamento diferenciado dado às minorias (mulheres, negros, homossexuais, pobres, comunistas). Era a Geração *Beat* que viria a ser o embrião da contracultura. “Falava-se no surgimento de uma nova consciência, uma nova era, enfim, de novos tempos” (PEREIRA, 1992, p.8).

3.1 CONTRACULTURA: O CONCEITO DE MÚLTIPLOS MOVIMENTOS

O termo contracultura é, de certa forma, tratado como um único movimento, de caráter específico. Contudo o conceito contracultura se referia a vários movimentos que, juntos criavam um viés contra a cultura vigente e os padrões impostos pela sociedade. Como define Carlos Alberto Messeder Pereira em seu livro “*O que é Contracultura*”:

O termo contracultura pode se referir ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude [...] levado a frente com um forte espírito de contestação, de insatisfação, de experiência, de busca de uma outra realidade, de um outro modo de vida. (PEREIRA, 1992, p.20)

Tal definição é relativamente limitada, pois delimita e formaliza a contracultura como um movimento, ou um grupo de movimentos, sendo que é muito mais ampla, conforme o próprio Pereira conceitua o termo contracultura, sendo:

Alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho as formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. Um tipo de crítica anárquica... (PEREIRA, 1992, p.20)

No livro “*Contracultura através dos tempos*”, ressalta-se também a ideia de existirem diversas contraculturas. Os autores falam que:

A contracultura floresce sempre e onde quer que alguns membros de uma sociedade escolham estilos de vida, expressões artísticas e formas de pensamento e comportamento que sinceramente incorporam o antigo axioma segundo o qual a única verdadeira constante é a própria mudança. A marca da contracultura não é

uma forma ou estrutura em particular, mas a fluidez de formas e estruturas, a perturbadora velocidade e flexibilidade com que surge, sofre mutação, se transforma em outra e desaparece. (GOFFMAN; JOY, 2004, p.9)

Tanto um como outro conceito, deram subsídios para entender que trata-se de uma natureza radicalmente questionadora e bem diferente das formas comuns de oposição. A contracultura é algo fora e contra a cultura oficial. É a cultura marginal, uma anti cultura, não específica, não sendo apenas “o movimento” e sim vários movimentos sobre diferentes aspectos. Vale frisar o que Goffman e Joy destacam a respeito de contracultura, definindo-a como uma “tradição”:

A contracultura é “ruptura” por definição, mas também é uma espécie de tradição. É a tradição de romper com a tradição, ou de atravessar as tradições do presente de modo a abrir uma janela para aquela dimensão mais profunda da possibilidade humana que é a fonte perene do verdadeiro novo – e verdadeiramente grandioso – na expressão a no esforço humano. Dessa forma, a contracultura pode ser uma tradição que ataca e dá início a quase todas as outras tradições. (GOFFMAN; JOY, 2004, p.11)

Quem faz parte da contracultura está em constante turbulência, visto que seu meio sofre variados tipos de transformação e gera mudanças em seus ativos. Goffman e Joy apontam que aqueles que fazem parte do movimento de uma contracultura, “conhecem a corrente, são engenheiros do caos, migrando na crista da onda da máxima mudança.” (GOFFMAN; JOY, 2004, p.9) Nesse caso, quem estava envolvido nos movimentos eram jovens da cultura dominante, que faziam parte das elites, das classes médias e altas, que viviam nos grandes centros. Pereira constata que “ao invés de encontrar seu inimigo de classe no operariado das fábricas – afirmavam alguns -, a burguesia o encontrava na figura de seus filhos cabeludos.” (PEREIRA, 1992, p.25)

Ainda que expostos os principais envolvidos, a contracultura não possui líderes definidos, nem estrutura formal definida. Podem, de certo modo, aparecer incontáveis pessoas no comando, como podem não contar com ninguém na cabeça do movimento. Ressalta-se que o “que interessa à contracultura é o poder das idéias, imagens e da expressão artística, não a obtenção de poder pessoal e político.” (GOFFMAN; JOY, 2004, p.9)

Em algumas palavras, foi possível perceber que a contracultura é composta pelo espírito de pluralidade, do sem-limite, da quebra de hierarquia, de anarquia, da criatividade, do momentâneo, do insucesso como sucesso, do surgimento de algo diferente de onde menos se espera. Todo esse emaranhado de ideias e ideais surgiram de vários grupos provenientes de várias situações, onde suas intenções se cruzavam e levavam o ideal de cultura proveniente

da consciência realmente popular, ou seja, a cultura pop, ao lugar mais alto. Em tal ‘lugar’ havia possibilidade de significar algo contundente ao expectador e de propiciar a troca de sensibilidades e percepções do mundo que somente a arte poderia revelar e, em uma instância mais alta, a contracultura tinha capacidade de desviar os caminhos do consciente, da personalidade e, finalmente, da poesia Americana do século XX.

Goffman e Joy (2004), novamente, dão a ideia de que a contracultura precisa ser vivida, contanto que ela seja movida por impulsos maiores que o desejo de inovar e derrubar convenções. No entanto, este trabalho teve como proposta entender o conceito de contracultura pelo viés de um determinado grupo, especificamente a Geração Beat, que se sobressaiu em oposição a um modelo de cultura dominante.

Este estudo, no entanto, focou-se somente nos Estados Unidos, berço da contracultura, local onde se manifestou, de forma mais marcante, esse novo espírito de contestação dos jovens dos anos 60. Entretanto, desde os anos 50 já era possível observar que um movimento anti cultural, uma nova ideologia ou que a noção de anti-intelectualismo já ganhava força.

Surgem então os beatniks, uma nova tradição, geração de:

“[...]verdadeiros representantes de um anarquismo romântico, cujo estilo de contestação e agitação, novo e radical quando comparado à luta da esquerda tradicional, estava apoiado sobre noções e crenças tais como a da necessidade do “desengajamento em massa” ou da “inércia grupal”. (PEREIRA, 1992, p.33)

Sendo assim, o estudo segue trazendo um panorama geral/contextual do que foi a Geração Beat, grupo de destaque, que incorporou de modo vigoroso, a rebeldia marginalizada dos anos 50 nos Estados Unidos.

3.2 GERAÇÃO BEAT: MOVIMENTO LITERÁRIO DE REVOLUÇÃO

Definir a Geração *Beat* somente como um movimento que ganhou vida por meio de um grupo de jovens escritores, mergulhados nas drogas e no experimento, na busca pelo transcendental, ousados e inovadores, tanto na arte como na vida seria um tanto ‘estereotipada’. Os *Beatniks* foram a chave para desencadear uma espécie de revolução no modo de pensar, nas letras e, conseqüentemente, na cultura norte-americanas, que repercutiu até os dias atuais em todas as formas e não-formas de cultura contemporânea. É plausível afirmar que a Geração *Beat* afetou a paisagem cultural pós Segunda Guerra Mundial como nenhuma outra o fez.

Os *Beats* arrancaram a arte e principalmente a poesia daquele pedestal de gabinete empoeirado ocupado por generais do formalismo e classicismo e a puseram na vida real, à disposição dos seres realmente vivos, nas sarjetas, nos becos e na boca daqueles que muitas vezes eram pobres de dinheiro, mas ricos de espírito e que poderiam formar a ‘nova crítica’.

Para adentrar neste estudo, fez-se necessário destacar o nome de Cláudio Willer, um grande estudioso do movimento. Willer (2010) afirma que o termo *Beat*, surgiu em uma conversa entre Jack Kerouac e Jhon Clellon Holmes, em 1948. Discutiam sobre serem ou não uma “geração encontrada”, mas Kerouac descartou essa denominação e disse “geração *Beat*”, não para nomear uma geração, mas para desnomeá-la. Houve outras suposições para a origem do nome, como a batida do Jazz, contudo o autor não afirma uma como certa, deixando assim, a origem do termo, aberto para interpretações.

Pereira (1992) fala que os *beats* eram contra o intelectualismo, devotos de uma vida sensorial, deixando-se levar por sua ludicidade e desprezo pelas carreiras definidas e de um rendimento regular. Buscavam reivindicar e criar uma nova consciência para a nação, que estava abraçada e conformada com o capitalismo desenfreado, e isso ia contra o sistema de igualdade social pelo qual lutavam. O grupo também lutou contra o puritanismo e o formalismo sufocante de sua geração.

Assim, viu-se que há uma delimitação cronológica da geração *Beat*, que vai de meados de 1940 até 1958 ou 1959. Na literatura, os principais nomes da Geração *Beat* são William Burroughs, Jack Kerouac, Gary Snyder, Lawrence Ferlinghetti, Neal Cassady, Herbert Huncke e Gregory Corso. Contudo, seria fora da realidade abordar a contracultura e a referida geração sem trazer o nome de Irwin Allen Ginsberg (1926-1997), ou simplesmente Allen Ginsberg como um dos principais, senão o principal expoente do movimento, e provavelmente o último espécime de poeta público ou poeta pop, daquele tempo em que o poeta era visto como herói da sociedade e tinha força perante a massa – hoje, na maioria das sociedades ocidentais, esse posto é ocupado por músicos, cantores, atores, modelos, atletas e, até mesmo, políticos.

Ginsberg, juntamente com outros nomes já citados, encabeçava confrontos engajados nas questões críticas da época, como a repressão aos meios de comunicação, o sentido e os motivos da guerra, o preconceito étnico, sexual e racial, o autoritarismo, os valores da igreja, a natureza. Além de vários tipos de poemas, Allen Ginsberg escreveu músicas (blues e jazz), manifestos, cartas que traziam, mesmo que de forma intrínseca seu cunho homossexual, judeu, *hipster*, anarquista, revolucionário.

Cláudio Willer em seu livro “Geração *Beat*”, cita Allen Ginsberg, que diz que:

Um quarto de sentido [de beat] que se acumulou ao redor do mundo é encontrado na frase “movimento literário da geração beat”. Esta frase se refere a um grupo de amigos que trabalharam juntos em poesia, prosa e consciência cultural desde meados da década de 1940 até que o termo se tornasse nacionalmente popular no final dos anos 1950. (GINSBERG apud WILLER, 2010, p.10)

Jack Kerouac, Allen Ginsberg e William Burroughs foram os que lideravam o movimento *beat*, visto que suas obras, *On the Road*, *Howl* e *Naked Lunch* respectivamente, iniciam o movimento literário *Beat*. Certamente que com o passar dos anos houve mais *beats*, mas os nomes principais foram esses citados.

O caráter de amizade e igualdade é algo que diferencia ou até mesmo define o movimento *Beat* em relação a outros movimentos. Foi justamente essa relação de amizade que trouxe questionamentos quanto a possível homossexualidade entre seus integrantes. O que se pode notar é que apesar de existirem relatos de práticas sexuais entre alguns dos *beats*, eles não eram obrigatoriamente homossexuais. Seus modos de vida, com extremo uso de drogas e realizações de orgias, faziam com que essas dúvidas surgissem. Certamente havia os homossexuais assumidos, como era o caso do autor a ser discutido neste estudo, Allen Ginsberg.

Outro ponto de extrema relevância quando se trata da definição de *Beat* é a questão das drogas. Como nos fala Willer (2010), as drogas são um elemento motivador, agem como estimulantes para os *beats*, diferente do que irá acontecer na contracultura, em que a droga é elemento central. Os *beats* usavam maconha, morfina, benzedrina e abusavam de bebidas alcoólicas, já na contracultura o objetivo era a psicodelia, em que usavam muito o LSD.

Para Willer (2010) o movimento foi inovador, contestador das normas impostas, multiculturalista em seu grupo, onde autores poetas e prosadores são protagonistas de biografias; líderes ou porta-vozes de movimentos sociais. Esse grupo inaugurou “[...]uma nova relação entre arte e vida, literatura e sociedade.” (WILLER, 2010, p.26) Um ponto curioso é que os *beats* foram acusados de ser iletrados. “Sua absorção de informação nova, não-institucionalizada, enfrentou um ambiente acanhado, quase intocado pelas revoluções modernistas e vanguardistas...” (WILLER, 2010, p.52) Esse modo de vida underground em que estavam totalmente submersos não significava um corte absoluto dos *beats* com a vida acadêmica. Foram intelectuais que revolucionaram um estilo na literatura, que refletia na sua forma de vida.

Os *beats* foram ridicularizados também ao serem classificados como rebeldes, anti-intelectuais, não refinados e rudes. A liberdade de escrita de seus poemas, o estilo corrido de

suas histórias que não seguem pontuações, nem ordem e nem limites, e seus conteúdos reacionários nos trazem pequenos lances do que era realmente a vida real, aproximando a obra com a experiência vivida, contestando moral, religião e os valores do “modelo de vida americano”. Gírias e palavrões eram constantemente utilizados nas obras, pois eram usados no dia a dia. Esse modo de escrita era totalmente contrário ao que a literatura romancista e classicista pregava como padrão. Os *beats* eram uma ameaça aos literários conservadores e suas obras formalizadas, mofadas e antiquadas para a época, uma vez que quebravam, além do modelo usual de poesia, o ‘decoro poético’.

Temas tidos como tabu, como o submundo das drogas, o homossexualismo, a loucura e a guerra eram novidades na escrita *beat*. Ao contrário da maioria dos literários padronizados que abordavam somente o que ocorria nos palcos do universo clássico, as virtudes do amor, da amizade e do poder, os poetas da Geração *Beat* eram, definitivamente, poetas do povo das cidades, da massa suburbana. Suas proféticas, ácidas e iradas linhas escreviam, criticavam e repercutiam sobre tudo que estava ao seu redor, a realidade, os bastidores da vida suburbana, a cozinha e as latas de lixo do restaurante chamado classe média dos anos 50 e 60 - aquilo era o que realmente importava para eles e para seus seguidores, mesmo sendo sujo e mundano.

Dessa forma, o que estava sendo evidenciado, discutido e reprimido era mais do que uma saga egoísta ou a deusificação de um semblante perdedor, esquerdopata encontrado em uma esquina moribunda. Era a conexão, reação e, em alguns casos, aversão entre linguagem e realidade, subjetivo e objetivo, forma e conteúdo. Era a literatura em si se relacionando da forma mais espontânea e crítica com a nossa sobrevivência neste planeta. E, nesse viés, o ‘Uivo’ (Howl), de Ginsberg, foi o poema-chave e o hino dessa geração e dessa anticultura acusada de ser criminosa e obscena. Em 1956, o livro ‘*Howl e Outros Poemas*’ foi processado pelo estado por conteúdo obsceno.

4. ALLEN GINSBERG E O ‘UIVO’: O LOBO E O GRITO

4.1 GINSBERG: O REBELDE ROMÂNTICO E POETA-ANARQUISTA

"Sou um taquígrafo de minha mente. Escrevo o que se passa nela, não o que me circunda. Sou um poeta".

Assim, Allen Ginsberg (1926-1997) se autodefine, traduzindo a sua representação de reacionário da política, da sociedade e da cultura americana do século XX. Nos anos 50, Ginsberg assumiu o posto de literário com maior repercussão da Geração *Beat*, trazendo uma poesia que mistura o cunho reacionário, crises existenciais, razão, emoção...com ajuda de uma linguagem direta, coloquial e fora dos padrões, como se fosse a transcrição das vozes das ruas, dos becos, da vida noturna e da cultura suburbana. Essas características e, principalmente, o espírito libertador de Ginsberg e seus comparsas serviram de combustível para o que viria a se moldar como o Movimento Hippie das décadas seguintes. Para entender melhor a obra “Uivo”, objeto do presente estudo, é preciso adentrar no universo *beatnik*, como já ocorreu, e na biografia do autor que o concebeu.

De acordo com o artigo de Rodrigo Garcia Lopes (2010) na Revista Cult, Irwing Allen Ginsberg nasceu em uma família de imigrantes judeus-russos em Newark, New Jersey, em Junho de 1926. Esse *beatnik* era filho de Louis Ginsberg, um poeta-professor, e de Naomi Ginsberg, que era engajada no Partido Comunista dos Estados Unidos. Sua mãe foi vítima de distúrbios mentais e passou longos períodos internada em hospícios. Seus pais com seus respectivos gostos e personalidade certamente influenciaram Ginsberg, tanto no gosto pela forma do gênero poesia (herança paterna) quanto no conteúdo bastante engajado de suas obras (herança materna), com assuntos que cercam o homem e sua sociedade, como religião, política, cultura, etc.

O drama familiar contribuiu para que Ginsberg questionasse sua identidade e seu papel na sociedade. Desenvolveu tolerância e simpatia pela loucura e pela excentricidade. Cláudio Willer diz que Ginsberg possuía a ideia de que era:

Possível uma sociedade na qual, harmoniosamente, coubessem os loucos, como sua mãe, e, por afinidade, todas as modalidades de conduta estranha. Seu messianismo constituiu em haver atribuído a missão de realizar essa utopia. O transito por dois mundos, da marginalidade e da cultura erudita, foi um modo de projetar essas idéias no plano da vida, e não só na expressão literária. (WILLER, 2010, p.34).

Ainda segundo Lopes (2010), nos anos 40, já na universidade, em Nova York, o jovem Ginsberg se envolveu com gente precursora da revolta, contestadora, que não aceitava o que estava posto e imposto pela sociedade. Assim, começou a se relacionar com o submundo da noite, da luxúria, das drogas, enfim, com o contexto suburbano-marginal, e a realidade da metrópole nova-iorquina e, das grandes cidades no geral, entrou na mente do artista e instaurou o desejo de contestar e desconstruir a ordem vigente do que estava ao seu redor. Isso não poderia ser ‘vomitado’ no mundo de outra forma senão através de suas letras ácidas.

A poesia espontânea de Ginsberg, ou seja, que nasce sob improviso, iniciou sua subida ao ápice em 1955, quando leu em voz alta o poema “Uivo” na Galeria Six, na cidade americana de São Francisco.

4.2 “HOWL” – A AFIRMAÇÃO ENQUANTO ÍCONE MAIOR DE UMA GERAÇÃO

O presente estudo, como já delimitado anteriormente, teve como objetivo específico de análise, identificar, descrever elementos e apontar características do poema “Uivo” que giram em torno do movimento literário “*Beat*”, e reconhecer se o poema em questão pode ser realmente considerado a maior representação dentro desta geração. Deste modo, é importante enfatizar que, a pesquisa fez uma relação entre História e Literatura. Retomando Massaud Moisés (1977, p.14) que afirma que “a literatura é a expressão, pela palavra escrita, dos conteúdos da ficção, ou imaginação.” Desta forma percebeu-se que “quando se trata do passado remoto, nenhum texto se deixa sondar em profundidade sem o auxílio da historiografia. É que, a rigor, toda análise textual é contextual.” (MOISÉS, 1977, p.17)

Ainda, para melhor entender a obra e sua representatividade, foi necessário trazer algumas observações sobre a relação entre poesia, história e sociedades feitas. O poema, além de ser palavra, vai muito além, pois sendo dependente da palavra, se torna único e irredutível, uma expressão social inseparável de outras manifestações históricas. Octavio Paz, em seu livro *O Arco e a Lira*, diz que o poema, sendo histórico, também faz história. O autor fala que “[...]o poema, ser de palavras, vai mais além das palavras e a história não esgota o sentido do poema; mas o poema não teria sentido – nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta” (PAZ, 1982, p.225-226)

É histórico porque cada obra é escrita em uma determinada circunstância, em um contexto. Nesse caso, o contexto em que está inserido o poema em questão já foi anteriormente apresentado. De uma forma ou de outra, o contexto irá se relacionar com o poema, nem que seja para negá-lo ou transformá-lo, através de valores apresentados, a

ideologia, a linguagem e a organização da sociedade, além de influenciar outros através de percepção e representação do mundo. Paz (1982) afirma que se a sociedade e o mundo são um produto da linguagem, então a operação feita pelo poema, a criação e transformação da linguagem, é transformação do real, ou, ao menos, da consciência da realidade. É o que Ginsberg quis mostrar com sua poesia:

Ginsberg, ao escrever poemas aos quais estão diretamente ligados movimentos e mudanças sociais, mostrou que a poesia, mesmo em uma sociedade complexa, aberta e fragmentada como a nossa, ainda tem esse papel criador. Continua capaz de se projetar no tempo, e de fazer história. (WILLER, 2016, p.9)

A literatura dos anos 50 e 60 não era algo público, proveniente da realidade da massa social e cultural. Os intelectuais, os burocráticos e donos das informações e da genialidade exacerbada, eram quem tinham o dom sagrado da literatura e a mesma era imersa nos seus padrões alienados no formato clássico e prolixo – logo letras com origens democráticas, oriundas das ruas e dos becos, e com teores relacionados ao (real) ser humano da época e sua realidade, mundana e fora do *jet set* se preciso, não eram bem vindas no círculo nobre e inflexível. Assim, em 1956 o hino *beatnik*, o combustível infernal para os reacionários cruzarem os árduos caminhos da realidade da América e da contracultura chamado ‘*Howl*’ (*Uivo*) foi lançado. Além de ser um ícone maior da Geração *Beatnick*, de todo o *menu* de Allen Ginsberg, *Uivo* é o trabalho principal e o que ecoou mais longe (na verdade ecoa até os dias de hoje em várias formas de arte e, em última instância, de viver), conforme afirma-se:

O poema mais famoso e de mais fôlego de Ginsberg é certamente o *Howl* (*Uivo*, que está para ser lançado no Brasil), de 1955 e que teve duas leituras públicas marcantes na história da Geração Beat: uma em 1955, na ‘Galeria Six’, de São Francisco e outra, em 1956, também na Califórnia, desta vez no ‘Gallery Theatre’, em Berkeley. (BUENO; GÓES, 1984, p. 68)

O poema foi escrito em 1955 e publicado em 1956. Após sua famosa leitura no recital poético realizado na Galeria Six, em 7 de outubro de 1955, a obra foi realmente reconhecida e aclamada por vários espectadores. Depois de “Uivo”, a forma de abordar a poesia nunca mais foi a mesma – primeiramente, porque com esse poema Ginsberg conseguiu derrubar padrões não só da literatura, mas também da cultura e da sociedade americana da época e, por esse motivo, logo após a publicação, a obra foi apreendida pelas autoridades com o peso da acusação de ser obscena e pornográfica. Na mesma via, a obra polêmica de Ginsberg e suas declamações em 1955 trouxeram, ou melhor, resgataram a oralidade da poesia, que antigamente era bastante comum. Portanto, os poetas retomaram o hábito de fazer leituras

públicas e agregaram mais contundência, mais exclamações, mais exaltações e, em resumo, mais sentimento à poesia, tornando-a, dessa forma, mais atrativa aos ouvidos e olhos dos ouvintes. Willer dá mais explicações:

[...] o alcance da recitação de poemas mudou a partir da beat, desde a subsequente proliferação de sessões em pequenos locais, cafés ou livrarias, algo que acontecia, mas não na mesma escala, até as grandes manifestações ao ar livre, no mundo todo. Houve reintegração da poesia à fala. (WILLER, 2010, 27-28)

Mesmo enfrentando duramente a censura e críticas, tanto da esquerda como da direita política, “Uivo” conquistou milhões de leitores. Willer diz que “ao tornar-se fenômeno editorial, Ginsberg também se tornou emblema da rebelião, no plano da criação literária, da conduta individual e do conjunto das relações sociais.” (WILLER, 2016, p.8). O autor nos fala que:

[a] importância desse poema é enorme, como depoimento e manifesto de uma geração, e por suas inovações literárias. Suas longas frases, com um ritmo veloz, receberam influência da prosódia bop espontânea de Kerouac, praticada em *On the Road*, *The Subterraneans* e em sua obra máxima, *Visions of Cody*.” (WILLER, 2016, p.13)

4.2.1 Primeira parte de “Uivo”: Os vagabundos loucos, fantasmas do jazz e o poema da vida livre

Um dos principais poemas do movimento, “Uivo”, dedicado a Carl Solomon, é dividido em três partes. Influenciado pela prosódia *bop* de Kerouac, Ginsberg adotou uma escrita coloquial, substituiu o verso metrificado e rimado pela forma aberta, livre, com ritmo silábico, e a rima por alternâncias, aliterações e rimas internas. Convém trazer aqui os comentários de Bueno e Góes que nos remetem à forma esquisita, espontânea e direta pela qual o poema deixou a mente de Ginsberg, por sugestão de Kerouac, partiu ao papel para se tornar a obra de maior valor para a Geração *Beat* e quebrar todas aquelas ‘regras’ dos artistas mais conservadores e clássicos:

Howl é o correspondente poético da prosa espontânea de Kerouac, e foi escrito por sugestão do próprio Kerouac: ‘Ele me sentou diante da máquina de escrever e disse: ‘Escreva um poema, só isso’. E dessa maneira o poema Howl, que sintetiza uma geração inteira, foi loucamente datilografado numa tarde; uma trágica comédia de pastelão de frases selvagens e imagens sem sentido pela beleza da poesia abstrata da mente correndo solta, fazendo combinações desengonçadas como o andar de Charlie Chaplin e longos fraseados como de um saxofone cujo som, eu sabia, seria ouvido por Kerouac – tirando de sua prosa inspirada uma poesia realmente nova. (BUENO; GÓES, 1984, p. 68-69)

“Uivo” é um texto sintético, como comenta Willer (2016), pois cada uma das suas frases longas é uma série de versos curtos, encadeados, como se houvesse uma sucessão de poemas breves e rápidos, lembrando muito o *bebop*, estilo musical por quem Ginsberg era apaixonado. Ambígua e polissêmica, *Beat* também significa a batida rítmica do jazz, movimento importante daquele período, “[...]flutuando sobre os tetos das cidades contemplando jazz,”(GINSBERG, 2016, p.25). Assim como traz consigo a ideia de beatitude, associada ao verso: “o vagabundo louco e Beat angelical no Tempo, desconhecido mas mesmo assim deixando aqui o que houver para ser dito no tempo após a morte,” (GINSBERG, 2016, p.41). Em complemento, tal estilo musical oriundo da vida boêmia e suburbana também é citado no poema:

o vagabundo louco e beat angelical no Tempo, desconhecido, apesar de registrar aqui o que poderia ficar por dizer no tempo após a morte, / e se reergueram reencarnados na roupagem espectral do jazz à sombra dourada da banda musical e fizeram soar o sofrimento da mente nua da América pelo amor num grito de saxofone de eli eli lamá sabactani que fez com que as cidades tremessem até seu último rádio, / com o coração absoluto do poema da vida arrancado de seus corpos bom para comer por mais mil anos. (GINSBERG, 2016, p.41)

Ademais, “Uivo” é um poema longo e possui caráter autobiográfico, já que descreve experiências e realidades vividas por Ginsberg, como podemos notar já no início do poema, juntamente com uma visão pessimista do mundo em que vive.

Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura, morrendo de fome, histéricos, nus,/ arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada em busca de uma dose violenta de qualquer coisa,/ [...]que pobres, esfarrapados e olheiras fundas, viajaram fumando sentados na sobrenatural escuridão dos miseráveis apartamentos sem água quente, flutuando sobre os tetos das cidades contemplando jazz, (GINSBERG, 2016, p.25)

Notou-se neste trecho, que o autor faz o uso da primeira pessoa, e não é por acaso, já que Ginsberg conta o que vivenciou. “É próprio poeta Allen Ginsberg que passou, com seu próprio corpo, pelas horripilantes experiências relatadas nestas páginas, baseadas na sua própria vida”. (WILLER apud WILLIAMS, 2016, p.24). Constrói os fatos de sua vida a partir da narrativa. Logo no início já traz temas como as “viagens” causadas pelas drogas e a dependência causada. Fala-nos das andanças sem compromisso, espírito livre contra os padrões sociais vigentes na época, bem como os ideais do movimento *Beat*.

Em toda a primeira parte de “Uivo”, se conseguiu notar o tom abismado de Ginsberg a respeito do mundo. É gritante nos versos como o autor repele a ordem, sempre buscando o

aspecto da insanidade e da liberdade, através de temas comuns ao movimento *Beat*, como as drogas, a sexualidade, a política e os direitos humanos. Como no verso a seguir, onde Carl Solomon queima literalmente dinheiro para protestar contra os males do capitalismo:

[...] que se refugiaram em quartos de paredes de pintura descascada em roupas de baixo queimando seu dinheiro em cestos de papel, escutando o terror através da parede, (GINSBERG, 2016, p.26-27)

Ainda aparecem trechos que contam sobre os protestos contra o modo de vida americano e os governantes. Willer (2016) comenta que os lugares citados abaixo eram pontos de reunião, onde se faziam manifestações políticas.

que distribuíram panfletos supercomunistas em Union Square, chorando e despindo-se enquanto as sirenes de Los Alamos os afugentavam gemendo mais alto que eles e gemiam pela Wall Street e também gemia a balsa de Staten Island (GINSBERG, 2016, p.31)

Atuante direto em manifestações políticas, Ginsberg não deixou de manifestar sua insatisfação política na literatura. A parte de contestação política é um ponto interessante a ser comentado, já que o que foi escrito é encarado e difundido como crítica social. Através de seu poema, Ginsberg consegue levar até a cabeça de seus leitores as reflexões exatas sobre o que estava ocorrendo no mundo naquela época.

que apagaram cigarros acesos em seus braços protestando contra o nevoeiro narcótico de tabaco do Capitalismo [...] que morderam policiais no pescoço e berraram de prazer nos carros presos por não terem cometido outro crime [...] que uivaram de joelhos no metrô e foram arrancados do telhado sacudindo genitais e manuscritos. (GINSBERG, 2016, p.31)

O retrato detalhado de uma vida marginal e sua não inserção ao estilo de vida moralmente aceito aparece fortemente em seu “Uivo”. A disseminação de seus ideais políticos através do poema mostra que os beats não só se posicionariam contra o *American Way of Life* através de seus atos, mas também a partir de sua produção literária. A partir de sua revolucionária forma de escrita, “[...]expressões da liberdade de criação, tais obras romperam com o beletismo, o exarcebado formalismo que dominava a criação poética e o ambiente acadêmico, e com seu correlato, o bom-mocismo da sociedade.” (WILLER, 2016, p.7)

O caráter de liberdade sexual, da promiscuidade e virilidade do autor e de seus companheiros também é explícito no poema, assim como obscenidades e atos repudiados pela sociedade da época. Vemos no trecho abaixo uma referência a Neal Cassady, amigo de Ginsberg, em que mostra a vitalidade sexual do companheiro nas mais diversas situações:

que foram transar em Colorado numa miríade de carros roubados a noite, N.C. herói secreto destes poemas, garanhão e Adônis de Denver – prazer ao lembrar das suas incontáveis trepadas com garotas em terrenos baldios & pátios dos fundos de restaurantes de beira de estrada, raquíticas fileiras de poltronas de cinema, picos de montanha, cavernas ou com esquiladas garçonetes no familiar levantar de saias solitário à beira da estrada & especialmente secretos solipsismos de mictórios de postos de gasolina & becos da cidade natal também[...] (GINSBERG, 2016, p.32-33)

Por ser conhecido pela sua preferência sexual, Ginsberg não se utiliza de eufemismos para nos contar experiências vividas por ele ou por seus conhecidos, como neste trecho, onde Ginsberg se refere à preferência sexual do poeta Hart Crane ¹por marinheiros:

[...] que se deixaram foder no rabo por motociclistas santificados e urraram de prazer,/ que enrabaram e foram enrabados por esses serafins humanos, os marinheiros, carícias de amor atlântico e caribeano[...], (GINSBERG, 2016, p.31)

Outra característica muito importante, quando tentamos identificar as razões de o poema “Uivo” ser a tônica maior desta geração, é o caráter da marginalidade. Cláudio Willer, em seu livro *Os rebeldes: Geração beat e anarquismo místico*, comenta que no poema “Nota de rodapé para Uivo” “há frases que são lemas ou profissões de fé, reafirmando a identificação do poeta ao marginal: “O vagabundo é tão santo quanto o serafim! O louco é tão santo quanto você minha alma é santa!”” (WILLER, 2014, p.61)

Willer (2014) comenta que marginais são tidos como profetas e porta vozes do novo, conforme o poema vai se mostrando, principalmente no final da primeira parte, na qual superam a contradição entre tempo e espaço, sujeito e objeto para alcançar o conhecimento revelado:

[...] Que sonharam e abriram brechas encarnadas no Tempo & Espaço através de imagens justapostas e capturaram o arcanjo da alma entre 2 imagens visuais e reuniram os verbos elementares e juntaram o substantivo e o choque de consciência saltando numa sensação de Pater Omnipotens Aeterne Deus,/ para recriar a sintaxe e a medida da pobre prosa humana e ficaram parados à sua frente, mudos e inteligentes e trêmulos de vergonha, rejeitados todavia expondo a alma para conformar-se ao ritmo do pensamento em sua cabeça nua e infinita,(GINSBERG, 2016, p.40)

Todo esse verso remete ao aspecto messiânico de Ginsberg. Willer diz que em “Ginsberg o messianismo foi constitutivo. O projeto de redimir a humanidade e transformar o mundo foi um ponto de partida, a inspiração da trajetória pessoal” (WILLER, 2014, p.168)

¹ Poeta modernista americano.

Ginsberg tem em sua produção a crença na possibilidade de uma nova era, uma transformação profunda do homem e da sociedade.

As drogas também foram temas recorrentes nas obras dos poetas *beats*, e não foi diferente com Ginsberg em seu poema “Uivo”. No trecho abaixo o autor estaria se referindo à exaustão causada sob o efeito de benzedrina, onde passou a noite toda escrevendo, porém na manhã seguinte, não conseguiu decifrar nada do que havia feito:

[...] que rabiscaram a noite toda deitando e rolando sobre invocações sublimes que ao amanhecer amarelado revelaram-se versos de tagarelice sem sentido (GINSBERG, 2016, p.34)

Semelhante ao episódio ocorrido no apartamento de um amigo íntimo de Ginsberg, onde o autor escrevia compulsivamente sem parar e, ao seu redor, todos deliravam sob efeito de drogas. “Suas experiências com alucinógenos foram, durante um período, tentativas de reviver a ‘iluminação auditiva de Blake’, experimentando a mesma beatitude.” (WILLER, 2014, p.25) Mais dessas experiências e referências às drogas e à iluminação de Blake podem ser notadas nos trechos abaixo:

[...] que passaram por universidades com olhos frios e radiantes alucinando Arkansas e tragédias à luz de Blake entre os estudiosos da guerra, [...] que comeram fogo em hotéis mal pintados ou beberam terebintina em Paradise Alley, morreram ou flagelaram seus torsos noite após noite / com sonhos, com drogas, com pesadelos na vigília, álcool e caralhos e intermináveis orgias (GINSBERG, 2016, p.26-27)

4.2.2 Segunda parte de “Uivo”: MOLOCH! Deus de óleo e pedra

Logo no início da segunda parte, deparou-se com versos a respeito de Moloch:

[...] Que esfinge de cimento e alumínio arrombou seus crânios e devorou seus cérebros e imaginação? Moloch! Solidão! Sujeira! Fealdade! [...] Moloch a incompreensível prisão! Moloch o presídio desalmado de tíbias cruzadas e o Congresso dos sofrimentos! Moloch cujos prédios são julgamento! Moloch a vasta pedra da guerra! Moloch os governos atônitos!”(GINSBERG, 2016, p.42)

Dolhnikoff, acrescenta nas notas de tradução que Moloch:

“[...]é o nome pelo qual a Bíblia hebraica, ou Velho Testamento, se refere a uma divindade do antigo Oriente Médio, não registrada nos achados arqueológicos. Apesar disso, o Moloch bíblico possui muitas características em comum com o historicamente conhecido deus Baal dos fenícios, ao qual recém-nascidos eram sacrificados no fogo, principalmente em épocas de crise. Ele é descrito como um

homem com cabeça de touro, em cujo ventre arde uma chama.” (DOLHNIKOFF, 2012, p.221)

É também conhecida como uma divindade amalequita ou cananita citada na bíblia, para qual eram feitos sacrifícios humanos. Um demônio que, pelas ordens de Deus ao povo hebreu, era proibido de ser adorado.

No que confere ao Moloch do poema e acima apresentado, Willer (2016) afirma que Ginsberg, sob efeito de peiote, viu em um prédio de San Francisco, o Sir Francis Drake Hotel, as feições do deus-devorador, inspirando o trecho. Aliás, todo o materialismo como resultado do modo capitalista, seus feitos, suas construções, seus ferros, concretos, parafernália e seus sistemas, enfim, os temas urbanos são vistos no poema como parte do deus Moloch:

[...] Moloch cujos arranha-céus se erguem pelas ruas extensas como Jeovás infinitos! Moloch cujas fábricas sonham e arfam na fumaça! Moloch cujas chaminés e antenas coroam as cidades! Moloch cujo amor é óleo interminável e pedra! Moloch cuja alma são bancos e eletricidade! Moloch cuja pobreza é o espectro do gênio! (GINSBERG, 2016, p.42)

O que foi possível captar em referência a Moloch é uma crítica à sociedade capitalista e ao extremo consumismo desenfreado dos cidadãos americanos. Moloch, que seria a avassaladora sociedade padronizada e aquecida com o “American Way of Life”, é adorada errônea e cegamente pelos cidadãos, que vêem no mal, o sucesso e benfeitorias. Moloch é uma metáfora referente ao capitalismo, visto por Ginsberg como um demônio que incinera crianças, os novos cidadãos, com o fogo do capitalismo e do modo consumista da sociedade norte americana. Como podemos notar nos seguintes versos:

[..] Moloch! Moloch! Apartamentos de robôs! Subúrbios invisíveis! Tesouros de esqueletos! Capitais cegas! Industrias demoníacas! Nações espectrais! Invencíveis hospícios! Caralhos de granito! Bombas monstruosas! / Eles quebraram suas costas levantando Moloch ao Céu! Calçamentos, arvores, rádios, toneladas! Levantando a cidade ao Céu que existe e está em todo lugar ao nosso redor! / Visões! Profecias! Alucinações! Milagres! Êxtases! Descendo pela correnteza do rio americano! / Sonhos! Adorações! Iluminações! Religiões! O carregamento todo de bosta sensitiva!” (GINSBERG, 2016, p.43)

Analisando a situação na ordem cronológica e no contexto em que foi escrito o poema, podemos inserir a interpretação feita no quadro da Guerra Fria, do grande confronto entre o socialismo real, conforme modelo soviético, e a sociedade burguesa. Materialismo e ateísmo, de um lado, e monoteísmos cristãos de outro. Dois blocos representando à dualidade do momento. “Opositores e contestadores da sociedade de massas tomaram o partido da

comunidade e de manifestações ou expressões religiosas que podem ter função em comunidades e pequenos grupos, à margem das grandes instituições. ” (WILLER, 2014, p.44)
Ginsberg seria um místico rebelde, religioso por excelência.

Ainda na segunda parte de Uivo, percebeu-se as relações com experiências místicas, um modo de experiência religiosa. Willer nos fala:

Na literatura beat, especialmente em Ginsberg e Kerouac, há insistência em expressões como “santidade”, “revelação”, “êxtase”: nas experiências religiosas de caráter pessoal, subjetivo, quando o adepto ou praticante vivencia a transcendência e sente haver conseguido o acesso a um conhecimento superior.(WILLER, 2014, p.44)

Também foi possível retomar aqui, a “iluminação auditiva de Blake”, porém, se tratando de experiência religiosa, mística. Uma relação individual com o sagrado, com uma expressão sempre na fronteira da transgressão, da ruptura com a religião instituída, normativa, frequentemente ultrapassando essa fronteira, e assim caracterizando-se como heresia.

[...] Moloch que penetrou cedo na minha alma! Moloch em quem sou uma consciência sem corpo! Moloch que me afugentou do meu êxtase natural! Moloch a quem abandono! Despertar em Moloch! Luz escorrendo do ceu!” (GINSBERG, 2016, p.43)

4.2.3 Terceira parte de “Uivo”: Carl Solomon! Estou com você em *Rockland*.

Ao longo do poema é possível verificar as inúmeras referências ao período conturbado que Ginsberg passou com seu amigo, dadaísta e também escritor Carl Solomon, a quem o poema é dedicado. Na primeira parte, é evidente que a dor vivida por Carl também era sentida por Ginsberg:

[...] Ah, Carl, enquanto você não estiver a salvo eu não estarei a salvo e agora você está inteiramente mergulhado no caldo animal total do tempo - [...] O vagabundo louco e beat, angelical no Tempo, desconhecido, mas mesmo assim deixado aqui o que houver para ser dito no tempo após a morte... (GINSBERG, 2016, p.40-41)

Porém, na terceira parte, a relação com Carl também é expressa não somente através do âmbito da dor e da angústia remanescente dos dias de tratamento psiquiátrico, mas também por meio da parceria de gostos e desgostos, e do compartilhamento de experiências seja com as drogas, inquietudes e/ou dramas familiares. Abaixo, seguem os versos de abertura da terceira parte que refletem tais experiências:

Carl Solomon!/ Estou com você em Rockland onde você está mais louco do que eu /
 Estou com você em Rockland onde você deve estar se sentindo muito estranho /
 Estou com você em Rockland onde você imita a sombra da minha mãe / Estou com
 você em Rockland onde você matou suas doze secretárias / Estou com você em
 Rockland onde você ri desse humor invisível (GINSBERG, 2016, p.44)

Por outro lado, notou-se que Ginsberg usa a repetição dos inícios dos versos de tal parte para trazer a sensação de ritmo, de batida, como se fosse a base musical para que a letra seja apresentada. Assim, nessa obra de Ginsberg, a letra do Jazz seria em suma o conteúdo dos versos e seus significados que certamente aludem à sua biografia, inclusive fatos vividos com sua mãe que, por sua vez, sofria de problemas mentais.

Assim como “Uivo”, o jazz despeja um amontoado de conteúdo (letras, melodias) carregado de sentimentos e expressões de forma habilidosa, com compassos complexos e pulsantes. A obra traz a espontaneidade de rápidas reflexões e expressão de sentimentos e conceitos com um ritmo semelhante ao do surgimento das ideias na mente de um sujeito que pensa ativa, crítica e incansavelmente sobre o mundo ao seu redor. Tais pensamentos dizem respeito também ao que existe introspectivamente, ou seja, o que não está aparente, como a autocrítica e a dialogia entre vida e morte, entre a razão, a mente e as emoções proporcionadas pelos sentidos humanos, expostas nos seguintes versos:

[...] Estou com você em Rockland onde somos grandes escritores na mesma
 abominável máquina de escrever / Estou com você em Rockland onde seu estado se
 tornou muito grave e é noticiado pelo rádio / Estou com você em Rockland onde as
 faculdades do crânio não aguentam mais os vermes do sentido / Estou com você em
 Rockland onde você bebe o chá dos seios das solteironas de Utica (GINSBERG,
 2016, p. 44-45)

Essa forma de conduzir o poema é como se fosse a tradução dos inúmeros pensamentos, angústias e revoltas que explodem na cabeça de um *beatnick*. O ritmo espontâneo, incessante e contundente da condução dos versos aliado ao conteúdo ácido e carregado de ideias que é arremessado na cara do leitor nos remete ao ambiente do jazz – estilo que é a síntese musical de domínio de ritmo, técnica (tão apurada que parece fora de tempo e compasso devido à sua complexidade) e improvisado. Além disso, quando Ginsberg diz “estou com você em Rockland onde as faculdades do crânio não toleram mais os vermes do sentido”, é possível fazer uma analogia de tal passagem com sua percepção em relação às diferentes formas de ver o mundo de seu pai, que era um letrado, e sua mãe, que era louca. Willer (2010) nos ajuda a entender melhor tal posicionamento:

Na gênese do poeta rebelde está a tentativa de incorporar e ultrapassar duas imagens conflitantes: o intelectual cerebral, contido, simbolizado pelo pai, e a frenética irracionalidade encarnada na loucura da mãe. (WILLER, 2010, p. 10).

A batida se relaciona ao modo de como escreviam, sem parar, sem pontos e vírgulas, verdadeiras verborragias de palavras e sentidos que não tinham fim. Era poesia em prosa, batida, ritmo, palavras que continham música, o ritmo do jazz. Um só fôlego para sentimentos que continham ritmo. O ritmo das palavras, a batida que cada som de cada letra que, unidas, pareciam ter uma batida só, como o uivo de um lobo.

5. GERAÇÃO *BEAT*: REVOLUÇÃO DA LINGUAGEM À FORMAÇÃO DA REALIDADE CONTRACULTURAL

A literatura *Beat* foi precursora da Revolução Cultural dos anos 60, também conhecida por Contracultura. Alguns dos postulados advindos com a Contracultura já se encontravam presentes na produção literária *beat*, como é o caso das questões relacionadas aos direitos civis; a busca pela filosofia oriental como forma de negar os valores do ocidente, a questão das drogas e a crítica que direcionaram à guerra. Antes mesmo da Contracultura, houve a grande ascensão do movimento *hippie*.

Willer (2010) aponta que o movimento literário da geração *Beat* durou até que o termo se tornasse nacionalmente popular, no fim dos anos 50. A cumplicidade, a mística partilhada pelos adeptos da Nova Visão, era possível no seu início, no subterrâneo. “A *Beat* acabou ao se tornar coletiva; ao deixar de ser comunidade para transformar-se em sociedade. A poesia deseja projetar-se na diacronia, converter-se em realidade. Com a *Beat*, essa projeção, mesmo parcial e incompleta, foi como que instantânea.” (WILLER, 2010, p.102)

Allen Ginsberg, juntamente com seus companheiros *beats*, promoveram:

[...] uma revolução na linguagem e nos valores literários que se transformou em rebelião coletiva, na série de acontecimentos revolucionários que foi o ciclo da Geração Beat na década de 50, e da contracultura e rebeliões juvenis dos anos 60 e 70 (WILLER, 2016, p.7).

Ginsberg, Kerouac e seus companheiros trazem à tona uma reflexão sobre as relações entre mídia, cultura e sociedade. Com a explosão mundial do movimento, a mídia se rendeu e começou a disseminar a influência *Beat*, por esta haver adquirido a dimensão de um fenômeno da sociedade. Das colunas literárias para as telas, milhares de exemplares vendidos, todos esses pontos favoreciam para o aparecimento da *Beat*, por isso era impossível ignorá-la. “Sem dúvida, *beat* e contracultura são beneficiárias do pluralismo burguês, em sociedades relativamente abertas, assim impelindo-as para uma abertura maior ainda.” (WILLER, 2010, p.103)

Da *Beat* à contracultura e rebeliões juvenis da década de 1960, a biografia de Ginsberg assume caráter importantíssimo. Willer (2010) afirma que Ginsberg, mais do que qualquer outro efetuou essa transição. Apoiou movimentos pela liberdade de expressão, participou de protestos contra a guerra do Vietnã, defendeu o *Flower Power*, sociedade pacífica e não-competitiva. Foi organizador e líder de inúmeras manifestações, todas mantendo o caráter ideológico advindo da Geração *Beat*. Willer ressalta que:

Politizou, como ninguém antes o havia feito, a pederastia e os alucinógenos. Convertem-se em bandeiras de luta em favor de sua utopia, uma sociedade na qual se realizasse, de modo irrestrito, o pluralismo e a tolerância. [...] Procedeu assim para mostrar que nem o capitalismo, nem o socialismo no modelo soviético ofereciam respostas para a questão da liberdade e da expansão da consciência. [...] adotava a liberdade como princípio fundamental: se esta não fosse respeitada, nenhuma transformação da base econômica seria válida. (WILLER, 2010, p.106).

A eclosão de uma cultura jovem nos anos 60 acabou sendo taxada por estereótipos, contudo não pode ser interpretada como rebelião consentida, nem inferiorizada como produto burguês, apoiando a prosperidade capitalista e gerando sua decadência. A forma de pensar adotada pela *Beat*, promovendo a liberdade de expressão, pensamento alternativo aliado à resistência pacífica, provocou imediata repressão. Tanto a Geração *Beat*, como a contracultura dos anos 60, são marcadas pela censura e ação violenta da lei.

Assim como notou-se os inúmeros pontos comuns entre a *Beat* e a contracultura, também viu-se onde tudo se desvinculou. O que na *Beat* seus manifestantes defendiam como luta pacífica, em 1968, lideranças pretendiam o confronto com a polícia, gerando reclamações de Ginsberg. Com essa decisão, gerou-se uma tomada de posição em favor do “*drop out*” (cair fora): o espírito original da *Beat*. Além do aspecto político, o movimento de “contracultura se desagregou por suas contradições: desde o início, juntava tendências incompatíveis, de hippies a maoístas, unidas por uma difusa perspectiva apocalíptica.” (WILLER, 2010, p.108).

A contracultura foi a última manifestação de alcance universal no século XX. A cultura jovem segmentou-se e fragmentou-se em tribos e tendências: punks, góticos, neo-hippies; a militância política de esquerda, em tendências, facções, conventículos. O que de fato é, imprescindível de se comentar, é que o fim da contracultura não determinou o declínio da *Beat*. Willer diz que foi “ao contrário: é como se, freado o movimento alternativo, houvesse o retorno àquilo que o originou, a uma densidade inerente à pesquisa e à invenção literária, talvez perdida com a subsequente massificação” (WILLER, 2010, p.110). Diferentemente da contracultura, a Geração *Beat* foi movimento literário em primeiro lugar, e acontecimento comportamental em seguida, por consequência.

Em todo o universo *Beat* retratado, aparecem explicitamente os comportamentos libertários, espirituais e místicos, que formariam a base da contracultura, que iria enfim, transformar de uma forma avassaladora os padrões de comportamento no mundo, visto sua grande influência em todas as direções do globo. Liberdade, libertinagem, homossexualismo, espiritualismo, desapego e muitos outros temas, eram tratados em combate ao padrão vigente da sociedade da década de 50. O movimento *Beat*, trazendo à tona todas essas questões, foi

corajoso, revolucionário e plantou seus ideais para futuras gerações, especificamente, a contracultura americana.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Uivo” é um poema forte, daqueles que marcam uma era e são relidos e reinterpretados por novas gerações. Além de ser biográfico, pois retrata experiências vividas pelo autor até aquele momento de sua vida, é um poema que retrata fielmente e traduz de uma forma crua em sua linguagem, toda a história da Geração *Beat*. Claramente, deu grande visibilidade à produção *Beat*, pois logo após ser liberado da censura, vendeu rapidamente mais de cem mil cópias. Assim, ao lado de “*On the Road*” de Jack Kerouac, foi possível reconhecer que “Howl” é sim, ícone maior desta geração.

Ginsberg sentiu a necessidade de registrar com o espírito espontâneo e momentâneo o resíduo e a reação do submundo da máquina capitalista incineradora de novos ares e de ousadia. Em suma, “Uivo” é uma locomotiva aparentemente desgovernada prestes a colidir ‘aqui e agora’ com o ‘*American Way of Life*’ e suas formas de artes bitoladas pelo padrão do *jet set*.

Todo esse conceito coloquial e desformalizado de expressar o sentimento com a contundência da realidade do ser humano, com seus vícios e virtudes surgidas na informalidade, é sintetizado no próprio título do poema. Afinal de contas, não é difícil pensar que toda a vontade de expressão dessa geração inquieta é equiparada a um grito revoltado, clemente, contínuo e longo, se vier de um sujeito americano, ou um uivo se vier de um lobo moribundo. Assim, esse grito *beatnick* estaria para a geração exausta dos padrões urbanos de vida americana bem como o uivo estaria para um lobo solitário e que não consegue aceitar o destino imposto pelo universo da selva.

A quebra de paradigmas dominantes imposta pela escola tradicional entre forma e conteúdo trouxe uma grande inovação na literatura e também na arte. Apesar de ainda hoje, haverem manifestações contrárias ao valor literário desse período, o poema “Uivo” foi bem aceito pela crítica e especialmente pelo público, visto que influenciou a forma de pensar e agir de toda uma geração de jovens que estava em plena atividade de formação nos Estados Unidos da década de 1950, abalando de forma drástica toda uma sociedade capitalista e sua concepção de realidade. O processo judicial ao qual enfrentou por censura e obscenidade, e no qual saiu vitorioso, trouxe apenas uma afirmação que defendiam os *beats*, a liberdade de expressão. Foi também o marco da origem da Geração *Beat* como movimento literário e o que deu abertura a outros escritores e artistas dessa geração a publicarem seus trabalhos.

Do modo em que a presente pesquisa foi conduzida, por meio de um acompanhamento histórico geral, visto que seria impossível pensar em texto literário sem considerar o contexto

histórico em que surgiram e que ganham seu significado, e de uma análise do poema de Ginsberg, possibilitou a afirmação de que “Uivo” é o maior poema da geração beat, e um dos grandes referenciais da literatura contemporânea. “Uivo” está para poesia, assim como “*On the Road*” do escritor Jack Kerouac, está para a prosa. Um ao lado do outro são os grandes expoentes dessa geração perdida. São como bíblias sagradas (e profanas), que contêm as bases, os pilares de todo este movimento contracultural.

Ainda abordou-se a questão da Geração *Beat* como geradora do movimento de contracultura americana da década de 1960. O estudo revelou que a geração *Beat* foi a porta de entrada para outros movimentos contraculturais, o embrião, a precursora, o pontapé inicial de uma nova era e extremamente essencial para que houvesse o movimento contracultural que, literalmente, explodiu em 1960, gerando uma reação em cadeia de movimentos seguintes.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam. **A voz e a escuta. Encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea.** São Paulo: Blucher, 2009.

ALMEIDA, Marcos A. L. de. **Uma geração em debate: Beats ou Beatniks?** Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/artigos/8almeida_marcos_artigo.pdf> Acesso em 11 Maio. 2016.

BESSA, Maria Cristina. **Panorama da literatura norte americana – dos primórdios ao período contemporâneo.** São Paulo: Alexa Cultural, 2010.

BRANDÃO, Antonio Carlos e DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude.** São Paulo: Moderna, 2004.

BUENO, André; GÓES, Fred. **O que é geração beat.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

DOLHNIKOFF, Luis. **Notas de tradução.** In: GINSBERG, Allen. **Uivo: a graphic novel / Allen Ginsberg;** [ilustrado por Eric Drooker; tradução de Luis Dolhnikoff]. São Paulo: Globo, 2012.

ELIOT, T. S. **De poesia e poetas.** São Paulo: Brasiliense, 1991. (p. 25-37)

FRANCISCO, Severino; VIEIRA, José, C. Entrevista/Claudio Willer. Movimento beat ajudou a deixar a sociedade mais moderna, diz Claudio Willer. **Correio Brasiliense.** Brasília, Set. 2012. Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2012/09/29/interna_diversao_arte,325137/movimento-beat-ajudou-a-deixar-a-sociedade-mais-moderna-diz-claudio-willer.shtml> Acesso em 21 Ago. 2016.

GINSBERG, Allen. **Uivo: a graphic novel / Allen Ginsberg;** [ilustrado por Eric Drooker; tradução de Luis Dolhnikoff]. São Paulo: Globo, 2012.

GINSBERG, Allen. **Uivo, Kadish e outros poemas** / Allen Ginsberg; tradução de Claudio Willer – Porto Alegre: L&PM, 2016.

GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos. Do mito de Prometeu à cultura digital**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 9 a 20 e 225.

GUIMARÃES, Felipe F. F. **Contracultura nos Estados Unidos e contracultura no Brasil: Um estudo comparado**. 36º Encontro anual da ANPOCS GT 12: Estudos sobre os Estados Unidos. Disponível em:
<http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=7973&Itemid=76> Acesso em 21 Ago. 2016.

KARNAL, Leandro. et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Metodologia do trabalho científico**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEMINSKI, Paulo. **Uivo e Silêncio**. In: Anseios Crípticos 2. Curitiba: Criar Edições, 2001.

LOPES, Rodrigo G. O uivo vivo de Allen Ginsberg. **Revista Cult**. São Paulo. Ed. 152. Out. 2010. Disponível em:
<<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/11/o-uivo-vivo-de-allen-ginsberg/>> Acesso em 15 de Ago. 2016.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 5.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

PAZ, Octavio. **O Arco e a lira** / Octavio Paz; tradução de Olga Savary. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é Contracultura**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ROSZAK, Theodore. **Contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil.** Petrópolis, Vozes, 1972.

WILLER, Claudio. **Geração Beat.** Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

WILLER, Claudio. **Os Rebeldes: Geração Beat e anarquismo místico** / Claudio Willer. – 1. Ed. - Porto Alegre, RS: LP&M, 2014.

WILLER, Claudio. **Introdução.** In: GINSBERG, Allen. Uivo, Kadish e outros poemas. / Allen Ginsberg; tradução de Claudio Willer – Porto Alegre: L&PM, 2016.

WILLER, Claudio. **Os poemas desta edição.** In: GINSBERG, Allen. Uivo, Kadish e outros poemas. / Allen Ginsberg; tradução de Claudio Willer – Porto Alegre: L&PM, 2016.

WILLIAMS, William Carlos. **Uivo para Carl Solomon.** In: GINSBERG, Allen. Uivo, Kadish e outros poemas. / Allen Ginsberg; tradução de Claudio Willer – Porto Alegre: L&PM, 2016.